

Notas sobre a historicidade da essência em Lukács

Sergio Lessa - Dr. em Ciências Sociais pela UNICAMP, Prof. da Universidade Federal de Alagoas, membro das editorias das revistas *Crítica Marxista* (Brasil) e *Praxis*.

Em que pese o fato de séculos terem se passado deste a derrocada do mundo antigo e a crítica do teocentrismo medieval pelo pensamento moderno, a completa superação de algumas das categorias centrais da ontologia tradicional, apesar de já efetivada no plano da teoria, ainda não foi absorvida e conscientemente integrada ao processo de reprodução da sociabilidade contemporânea. Pensamos, em especial, nas categorias de essência e fenômeno.

Eventos desse tipo -- a incapacidade de a humanidade assimilar genericamente avanços já efetivados por indivíduos -- são freqüentes na história. Certamente, neste caso, as processualidades alienantes¹ da vida cotidiana sob a regência do capital jogam papel decisivo. Ao fim e ao cabo, tais alienações são as mediações que articulam a forma de ser e se reproduzir da sociabilidade contemporânea, marcada pela produção incessante do novo em escala e intensidade crescentes, com a necessidade ideológica desta mesma sociabilidade fixar no interior dos parâmetros capitalistas os limites às novas potencialidades postas para o desenvolvimento do para-si do gênero humano. Esta necessidade -- forçar a coincidência dos horizontes do possível com os limites do capital -- conduz a se conceber a essência humana como complexo de determinações a-historicamente «fixadas» aos parâmetros burgueses. Na concepção de mundo (*Weltanschauung*) dominante permeiam traços de fatalismo que, em última análise, possibilitam a coexistência (ainda que sempre conflituosa) de

¹- A tradução de *Entäusserung* e *Entfremdung* ainda não foi padronizada entre os autores brasileiros. Para facilitar a compreensão, preferimos traduzir o primeiro por exteriorização (há quem prefira alienação) e o segundo por alienação (alguns preferem estranhamento). Sobre a importância da distinção dessas duas categorias para a tradição marxiana, consultar Ranieri, J. «Alienação e estranhamento nos *Manuscritos de 1844* de K. Marx». Dissertação de mestrado, IFCH-Unicamp, março 1995.

concepções ontológicas tradicionais com o desenvolvimento acelerado da ciência². Esta a-historicidade, por fim, torna a mentalidade predominante impermeável a concepções de mundo que postulem a absoluta historicidade do ser e de suas categorias, tal como encontramos em Marx e, após, no Lukács da maturidade.

Não poderíamos discutir aqui nem mesmo as principais vertentes disto que estamos denominando concepção de mundo dominante, de modo a demonstrar essa sua matriz comum. O decisivo, para esta reflexão, é o fato de parte expressiva destas vertentes, notadamente aquelas de filiação liberal ou neo-liberal, de modo explícito e consciente ou de forma mais velada e sutil, se aproximarem, *mutatis mutandis*, da concepção da individualidade enquanto *mônada* e *locus* da essência a-histórica do ser social: uma «natureza» humano-individual que torna insuperável os limites da sociabilidade burguesa.³ A crítica teórica de fundo destas concepções é, por isso, uma questão importante no debate dos nossos dias. Longe de pretendermos resolver a questão em um artigo, pretendemos ao menos chamar a atenção do leitor para as contribuições originais que Lukács tem a oferecer neste campo.

Iniciemos assinalando que, se a essência é a-histórica, o *locus* da historicidade só pode ser a esfera fenomênica. Instala-se, deste modo, uma verdadeira antinomia: sendo o fenômeno a essência que se mostra, e sendo a essência a-histórica, a historicidade do fenômeno só pode se constituir a partir de uma «queda» da essência ao se transformar em fenômeno. Essa queda levaria a essência, do seu patamar histórico e necessário, para um nível inferior, imediato, fugaz e mutável: o nível da historicidade. A historicidade se converte

²Cf. Lukács, G. *Prolegomina all'Ontologia dell'Essere Sociale*. Guerini e Associati, Nápoles, 1990, pg. 29-35, 272-3, 336-7.

³Um parágrafo desse tipo não pode deixar de incorrer em profundas imprecisões, e sempre corre o risco de generalizações indevidas. Optamos por redigi-lo desta forma pela imperiosa necessidade de ganhar espaço para a exposição do núcleo central de nossa argumentação. Sobre a aproximação do último Habermas à esta concepção individualista-monádica, Cf. Lessa, S. «Habermas e a Centralidade do Mundo da Vida», *Serviço Social e Sociedade*, n° 46, dez. 1994; a crítica do marxismo analítico desta angulação foi por nós feita em «Lukács e o marxismo contemporâneo», *Rev. Temáticas*, n°1-2, Unicamp, 1993. Algo similar, pode ser encontrado em Claus Off, como argumenta convincentemente Giovanni Alves em «A Vigência do capital...»; e em J. G. Castañeda, como demonstrou Ivo Tonet em «Utopia Mal Armada», *Rev. Praxis*, n°3, 1995.

em categoria que distingue o fenômeno da essência; ser histórico é ser fugaz e mutável, portanto é ser menos essencial, é ser menos ser. Enquanto categoria que faz a mediação da queda da essência ao fenômeno, a historicidade passa a jogar um papel ontológico negativo e, neste contexto, não há como se conceber a historicidade enquanto categoria ontológica universal. Com isso está impossibilitada a crítica radical de algumas das concepções ontológicas tradicionais, pois não é mais possível articular de modo necessário objetividade e historicidade, tal como fez Marx.

Vejamos como Lukács supera esta antinomia elevando a historicidade à categoria ontológica universal.

I

Para a investigação que agora nos ocupamos, um ponto de partida possível, entre outros tantos⁴, são as considerações de Lukács acerca da relação entre fenômeno e essência na esfera econômica. Inicia ele lembrando que «todo objeto é por sua essência um complexo processual»; contudo, freqüentemente «no mundo fenomênico» ele se apresenta como «um objeto estático, solidamente definitivo». Quando isso ocorre, «o fenômeno /.../ se torna fenômeno exatamente fazendo desaparecer, na imediaticidade, o processo ao qual deve a sua existência de

⁴- No *Simpósio Lukács - a propósito de 70 anos de História e Consciência de Classe*, Unicamp, 1993, apresentamos um trabalho que examina esta mesma questão a partir de outras passagens da *Ontologia* de Lukács -- em especial o capítulo «O Trabalho». Uma outra possibilidade seria enfrentá-la a partir das considerações do filósofo húngaro acerca da reprodução social das individualidades e da totalidade social no capítulo «A Reprodução» (ambos os capítulos já traduzidos para o português e disponíveis no Centro de Documentação Lukács, Biblioteca Central da Universidade Federal de Alagoas, Campus A. C. Simões, Maceió, Alagoas, Brasil). Uma quarta possibilidade seria explorar as considerações de Lukács acerca da inerente contraditoriedade do desenvolvimento humano-genérico no capítulo de sua *Ontologia* dedicado a Marx (e também já traduzido para o português por C. N. Coutinho, e publicado sob o título *Os princípios ontológicos...*, op. cit.). Além disso, nos *Prolegômenos...* diversas passagens também poderiam servir de referência a esta investigação. Assinalamos este fato para salientar que nossas considerações, ainda que lancem raízes em uma passagem restrita do texto lukácsiano, se referem à estrutura mais íntima de toda a obra.

fenômeno. E é de enorme importância social esse modo de se apresentar da essência /.../»⁵ pois, entre outras coisas, está na raiz das alienações contemporâneas.

Exemplo típico deste fenômeno é o velamento do trabalho enquanto fonte social de riqueza. Ele constitui «/.../ aquele mundo fenomênico capitalista no qual a mais-valia desaparece completamente por trás do lucro e no qual a conseqüente reificação, que deforma a essência do processo, torna-se a sólida base real de toda *praxis* capitalista.» (vol II, 359) Também aqui, nos deparamos «/.../ com um mundo fenomênico criado pela dialética própria da produção econômica, /.../ que/,/ no seu ser-precisamente-assim/,/ é realidade, não aparência». (vol II, 359-60) O processo de estranhamento, ainda que falsificador e velador das relações essenciais, é um fenômeno social tão real quanto qualquer outro. Ele corresponde a dadas relações sociais historicamente determinadas, e se ele opera uma falsificação das determinações essenciais, através da qual se inverte a relação fundante-fundado, isto ocorre porque a *praxis* sócio-genérica opera uma inversão análoga: o ser humano, de criador do capital, se transfigura em sua criatura. Apenas por ser realidade é que esta esfera fenomênica -- mesmo que alienada-- pode se consubstanciar, na palavras de Lukács, em «base real imediata das posições teleológicas /...//, ou seja,/ a constituição assim dada deste mundo fenomênico é o fundamento real imediato de todas aquelas posições pelas quais a reprodução real de todo o sistema econômico é capaz de se conservar e crescer posteriormente». (vol II, 359-60)

Dito de outro modo, a forma de ser da sociedade burguesa efetua, «de modo necessário/,/ a reificação da objetividade social». Por isso, a sua imediatividade cotidiana consubstancia um complexo alienado que submete ao capital as necessidades humano-genéricas. Por efetuar essa inversão, contudo, a cotidianidade não perde qualquer *quantum* de ser, de «realidade». Pelo contrário, invertida ou não, essa dimensão fenomênica é tão real quanto as relações essenciais que estão na sua gênese. E, por isso, é capaz de influenciar as posições teleológicas objetivadas no seu interior. Essa esfera fenomênica reificada constitui tanto um «mundo fenomênico existente», como também é o solo genético do seu «reflexo correspondente /.../ na consciência dos homens que

⁵ - Lukács, G. *Per una Ontologia dell'Essere Sociale*, Ed. Riuniti, Roma, 1976-81, vol II** pg. 357. De agora em diante citado no corpo do texto entre parênteses.

realizam as suas posições práticas neste mundo fenomênico imediato, que vivem neste mundo, e cujas ações são respostas às demandas que dele se elevam». (vol II, 360)

Detenhamo-nos, ainda que brevemente, na exploração de alguns dos aspectos destas considerações de Lukács.

Em primeiro lugar, temos aqui expressa com todas as letras a sua concepção de que «o fenômeno é sempre algo que é, e não algo contraposto ao ser»⁶. Estas palavras assinalam cristalinamente um primeiro momento da superação, por Lukács, da antinomia a que nos referimos acima. Como é sabido, de Platão a Hegel, a essência foi concebida como portadora de *um quantum* maior de ser que o mundo fenomênico. A esfera fenomênica seria apenas expressão da essência, não cabendo à primeira qualquer papel na conformação da última. Sendo a essência o ser em sua pureza, em seu estado absoluto; o fenômeno é necessariamente o momento de queda do ser, uma sua aparição fugidia, efêmera -- e portanto, parcial, incompleta, restrita, etc. Entre essas duas esferas teríamos, sempre segundo as concepções tradicionais, uma distinção de estatuto ontológico: o *quantum* de ser que caberia ao fenômeno seria menor que aquele pertencente às determinações essenciais. Por isso, a essência seria eterna e o fenômeno fugaz, histórico.

Exatamente o oposto é postulado por Lukács: segundo ele, essência e fenômeno têm o mesmo estatuto ontológico. Ambas as esferas, na concepção lukácsiana são portadoras de ser, e a distinção entre elas decorre, como veremos a seguir, da peculiar relação que cada uma das esferas mantém com a categoria da continuidade.

O que agora nos interessa, para delimitar com clareza a ruptura de Lukács com o pensamento tradicional nesse aspecto, é que, segundo o filósofo húngaro, não apenas há uma esfera de determinações da essência sobre os fenômenos, como também há uma outra dos fenômenos sobre o desenvolvimento das determinações essenciais. Após Marx, Lukács concebe a objetividade enquanto «síntese de múltiplas determinações» na qual todo e qualquer elemento, com as mediações devidas em cada caso, se articula numa relação de determinação reflexiva com a

⁶- Lukács, G. *Os Princípios Ontológicos Fundamentais de Marx*, trad. Carlos N. Coutinho, Ed. Ciências Humanas, São Paulo, 1979. Exatamente no mesmo sentido, repete no segundo volume de *Per una Ontologia...* que «... o mundo fenomênico é parte existente da realidade social.» (vol II, pg. 92) Cf. tb. vol II pgs. 405, 330 e 106-7.

totalidade do ser-precisamente-assim existente. Insiste Lukács em que «no ser social o mundo dos fenômenos não pode de modo algum ser considerado um simples produto passivo do desenvolvimento da essência, mas que, pelo contrário, exatamente tal inter-relação entre essência e fenômeno constitui um dos mais importantes fundamentos reais da desigualdade e da contraditoriedade no desenvolvimento social.»(vol II, pg. 472) Para ele, é superficialidade extrema não reconhecer que a relação essência-fenômeno exerce um «influxo decisivo sobre o progresso objetivamente necessário da essência»⁷.

É muito importante assinalar que a postulação da historicidade da essência resulta, imediatamente, no reconhecimento pelo filósofo húngaro de momentos de determinação da essência pelo fenômeno como uma das insuperáveis instâncias de contraditoriedade do real. Fenômeno e essência, radicalmente históricos, compõem uma complexa relação de determinações reflexivas «que de modo diverso nas diversas épocas e nos diversos campos continuamente volta a se manifestar»(vol II, pg. 319). Sendo breve, e para passarmos logo ao núcleo da questão, aos homens não há outra possibilidade de agir senão no «campo de manobra a cada vez criado pelo respectivo desenvolvimento das forças produtivas», «no respectivo *hic et nunc* do mundo fenomênico». (vol II, pg. 377). Este é «o único mundo objetivo realmente possível para a praxis dos homens». Ao agirem diretamente sobre o fenomênico, terminam por alterar o desdobramento da reprodução das determinações essenciais e, deste modo, os mesmos atos -- que na imediatez das finalidades que os conformam se voltam no mais das vezes às particularidades fenomênicas -- terminam por colocar em movimento as categorias essenciais da formação social a qual pertencem. Também sob esse aspecto, a unitariedade última do ser se revela da maior importância para a ontologia de Lukács⁸.

Em suma, para o nosso filósofo, essência e fenômeno, «no plano do ser e da mesma maneira, são produtos das mesmas posições teleológicas. /.../ A dialética ontológica entre essência e fenômeno seria impossível se eles não surgissem de uma tal gênese fundamentalmente unitária e se esta unitariedade não fosse dinamicamente conservada»(vol II, pg, 369).

⁷Os *Princípios Ontológicos Fundamentais de Marx*, op. cit., pg. 124-5.

⁸Sobre a unitariedade última do ser e sua importância na *Ontologia* de Lukács, cf. Lessa, S. *Sociabilidade e Individuação*. Edufal, 1995.

Com isto temos um primeiro momento decisivo da ruptura de Lukács com as ontologias tradicionais. Ao contrário destas, para o nosso autor essência e fenômeno possuem o mesmo estatuto ontológico, são dimensões distintas do real. Por isso pode Lukács reconhecer o mundo fenomênico como o *hic et nunc* no interior do qual se desdobram as posições teleológicas que, pela mediação da reprodução social⁹ com todas as mediações cabíveis, são as «forças motrizes» mais imediatas do desenvolvimento histórico-social.

II

Isto posto, passemos à distinção entre essência e fenômeno. Pois, segundo Lukács, afirmar serem essência e fenômeno esferas «igualmente existentes» é indispensável, porém insuficiente, para esclarecer as complexas relações que se desdobram entre elas. Para tanto, é imprescindível ao menos esclarecer qual seria, na interação essência-fenômeno, o momento predominante.¹⁰

Continuemos explorando a passagem da *Ontologia* acima referida em que Lukács trata da relação essência/fenômeno na esfera econômica. Nela, após afirmar a realidade do fenômeno mesmo quando este consubstancia uma alienação, prossegue nosso autor assinalando que «a esfera da essência se desenvolve independentemente da vontade e das intenções dos seus produtores» (vol II, pg. 474). Salientemos, para evitar equívocos, que a «independência» a que Lukács se refere tem por escopo o conteúdo «das finalidades conscientes contida nos atos teleológicos», e não os atos teleológicos enquanto tais. A essência e o fenômeno

⁹ Sobre a categoria social da reprodução em Lukács, Cf. Lessa, S. *Sociabilidade e Individuação*, Ed. da UFAL, 1995 e, também, «Reprodução e Ontologia em Lukács»- *Trans/formação*, v.17, UNESP, 1994.

¹⁰ Como afirma Lukács no capítulo de sua *Ontologia* dedicado à reprodução, «a simples interação conduz a um conjunto estacionário, definitivamente estático; se desejamos conferir expressão conceitual à dinâmica viva do ser, ao seu desenvolvimento, devemos esclarecer qual seria, na interação da qual se trata, o momento predominante» (vol II, pg. 229). Vale lembrar que, segundo Lukács, após Marx, por uma categoria ser o momento predominante de uma dada processualidade, não implica que, em dadas circunstância atípicas (porém igualmente reais), não possa essa mesma categoria vir a ser determinada por um outra, que assume, atipicamente, a função ontológica de momento predominante daquele momento particular. Sobre o conceito de momento predominante cf. *Per una Ontologia...*, op. cit., vol II pg. 57-9, 79-80, 229 e ss.. Nos *Prolegômenos*, op. cit., cf. pgs. 79-81 e 137-8.

são fundados pelos atos humanos -- ainda que, não raro, ao agir cotidianamente os indivíduos tenham por horizonte da consciência apenas o fenomênico.

Exatamente por terem as determinações essenciais a mesma gênese que a esfera fenomênica --como já vimos, a síntese dos atos singulares em tendências sócio-genéricas, numa processualidade cujo complexo Lukács denominou reprodução social -- o reconhecimento do fato de que o desenvolvimento da essência pode independe das intenções e das vontades que operam nos atos singulares não significa que seja ela uma «necessidade fatal, que a tudo determina antecipadamente»(vol II, pg. 475). Se considerarmos o processo histórico em sua globalidade, afirma nosso autor, «surge claro como o movimento da essência /.../ é a base de todo o ser social, mas base aqui quer dizer: possibilidade objetiva». A cada momento histórico, a cada desenvolvimento das forças produtivas, a cada evolução da essência das formações sociais, a reprodução da sua vida material |faz continuamente surgir novas constelações reais das quais deriva o único campo de manobra real a cada vez existente para a praxis»(vol II, pg. 475). Trocando em miúdos, «O âmbito dos conteúdos que os homens nessa praxis podem se pôr como fim é determinado -- enquanto horizonte -- por tal necessidade do desenvolvimento da essência, mas exatamente enquanto horizonte, enquanto campo de manobra para as posições teleológicas reais nele possíveis, não como determinismo geral, inelutável de todo conteúdo prático»(vol II, pg. 475).

Ao conceber a essência enquanto horizonte histórico de possibilidades para o agir humano, é evidente a ruptura de Lukács com as ontologias tradicionais -- e não é necessário insistir sobre esse ponto. Se «a necessidade da essência assume obrigatoriamente/,/ para a praxis dos homens singulares/,/ a forma da possibilidade»(vol II, pg. 475), não é preciso mais palavras para se perceber a radical historicidade dessa concepção. As necessidades essenciais «contribuem a determinar o como daquele mundo fenomênico sem cuja encarnação a essência não poderia jamais chegar à sua realidade plena, existente-por-si. E já que, como vimos, esta forma fenomênica é não apenas realidade geral, mas realidade histórica extremamente concreta, as posições teleológicas assim efetuadas agem também sobre o concreto caminho evolutivo da própria essência. /.../ elas intervêm sobre sua /da essência/ forma fenomênica concreta, conferindo a esse caminho evolutivo um caráter de desigualdade. /.../ O desenvolvimento da essência determina, portanto, os traços fundamentais, ontologicamente decisivos,

da história da humanidade. A forma ontologicamente concreta, ao contrário, ela deriva destas modificações do mundo fenomênico (economia e superestrutura), que contudo se realizam somente como efeito das posições teleológicas dos homens /.../». (vol II, pg. 475-6)

Obviamente, entre possibilidade e necessidade não há, em Lukács, uma insuperável antinomia: toda possibilidade só pode vir a ser no interior de um dado campo de necessidades, de uma dada malha de determinações historicamente necessárias. Se essas determinações se alteram em sua essência -- por exemplo, com a passagem de um modo de produção à outro -- o horizonte de possibilidades se altera do mesmo modo; ou seja, determinações essenciais são superadas e substituídas por outras.

Nesta exata medida e sentido, em Lukács, «/.../ a essência se apresenta ontologicamente como o momento predominante da interação» (vol II, pg. 364) entre essência e fenômeno: ela consubstancia o horizonte de possibilidades a cada momento histórico. Contudo, há que se evitar qualquer rigidez e transformar essas considerações numa, digamos assim, estrutura fixa, na qual a necessidade estaria puramente representada na essência, e a casualidade no fenomênico. Insiste Lukács que o mundo dos homens desconhece qualquer necessidade cega, «o ser social, mesmo quando alcança à sua máxima e mais pura objetividade não pode jamais possuir a completa independência do sujeito que é característico dos eventos naturais» (vol II, pg. 368). Além disso, a gênese e a reprodução das determinações essenciais têm o mesmo fundamento imediato da esfera fenomênica: os atos individuais dos indivíduos historicamente determinados; ou, nas palavras do nosso autor, «A unidade dinâmica entre eles /.../ depende do fato de que no ser social ela é fundada sobre a derivação de ambos de posições teleológicas, o que quer dizer que em toda posição singular deste tipo na esfera econômica, essência e fenômeno são objetivamente postos de modo simultâneo, e apenas quando as séries causais postas em movimento se desenvolvem em complexos distintos do ser, com fisionomias específicas e, pela persistência da contínua interação, se distinguem -- no imediato, relativamente -- uma da outra, apenas então se tem uma clara diferenciação» entre essência e fenômeno. (vol II, pg. 364-5)

A relação que se desdobra entre essência e fenômeno, por outro lado, tem sua razão de ser no fato de que as determinações essenciais, por serem históricas, apenas podem se objetivar ao longo do tempo através de processos de

particularização. E a particularidade de uma determinação genérica é o solo ontológico da gênese dos momentos fenomênicos. Por isso, sem os fenômenos a essencialidade jamais poderia alcançar a uma plena explicitação categorial -- a rigor, não poderia sequer existir. É a isso que nosso filósofo se refere ao afirmar que a «relação igualmente ontológica entre os dois se concretiza pelo fato que do ser deve necessariamente emergir o fenômeno». (vol II, pg. 364-5)

Isto permite ao filósofo húngaro concluir que, «Em sentido ontológico rigoroso, o fenômeno não é a forma da essência, assim como esta última não é simplesmente seu conteúdo. Quaisquer desses complexos é, no plano ontológico, por sua natureza a forma do próprio conteúdo e, conseqüentemente, a sua ligação é aquela de duas relações forma-conteúdo homogêneas.»(vol II, pg.365) Exatamente por isso pode Lukács afirmar que «é impossível que as leis da essência determinem de modo direto, com causalidade retilínea, os momentos singulares do mundo fenomênico e as suas concatenações causais imanentes. Nas suas interações com o mundo fenomênico, a essência produz neste último campos 'livres', cuja liberdade é possível apenas no interior da legalidade do campo». (vol II, pg. 376)

Se a essência e o fenômeno são igualmente reais, e se a distinção entre eles tem seu fundamento no fato da primeira ser portadora das possibilidades históricas à particularização dos fenômenos, e estes de seres as indispensáveis mediações particularizadoras sem as quais as determinações essenciais não poderiam existir -- a continuidade surge como o campo por excelência da distinção entre essência e fenômeno. Vamos, pois, a ela.

III

As passagens do texto até aqui examinadas evidenciam, sem lugar a dúvidas, que ao considerar terem essência e fenômeno o mesmo estatuto ontológico, Lukács não vela, ou sequer atenua, as diferenças que se interpõem entre eles. Para nosso autor, o que distingue essência e fenômeno, «Aquilo que ontologicamente os separa nesta insuperável unidade objetiva do processo, aquilo que faz de um a essência e de outro o fenômeno, é o modo de se relacionar com o processo, por uma parte na sua continuidade complexiva e por outra no seu concreto *hic et nunc* histórico-social» (vol II, pg. 370). Para sermos breves e diretos, o que distingue a essência do fenômeno é o fato de as determinações essenciais serem os traço de continuidade que consubstanciam a unitarieade última do processo

enquanto tal, enquanto seus traços fenomênicos são os responsáveis pela esfera de diferenciação que faz de cada momento no interior do processo um instante único, singular.

Sem dúvida, reconhece Lukács, há na essência «um predomínio da generalidade, enquanto no fenômeno se verifica um movimento para a singularidade e a particularidade». Contudo, continua Lukács, seria superficial tirar a conclusão que em tal relação estaria claramente expressa a verdadeira relação da essência com o seu fenômeno». «Acima de tudo» porque também a generalidade e singularidade são determinações reflexivas, o que quer dizer que elas comparecem em toda constelação concreta de modo simultâneo e bipolar: todo objeto é sempre concomitantemente um objeto geral e singular. «Por isso o mundo fenomênico /.../ não pode deixar de produzir no plano do ser sua própria generalidade, do mesmo modo como a generalidade da essência se apresenta continuamente também em quanto singularidade.»(vol II, pg. 370-1). Lembremos que, para nosso autor, universalidade, particularidade e singularidade são momentos da máxima universalidade do ser -- e, portanto, são igualmente existentes. Lukács tanto se distingue, nesse aspecto, do empirismo ou do naturalismo marxista vulgar, que concebem «os traços de continuidade, gerais, do processo simplesmente como generalizações ideais de uma realidade sempre irrepetível a sua concretude»; como também do idealismo, que confere à generalidade «um ser 'superior' independente da realização, que por força das coisas é sempre irrepetível.»(vol II; pg.370) As diferenças que se interpõem entre o genérico, o singular e o particular são decorrentes das imanentes desigualdades de toda processualidade -- e não de uma distinção de estatuto ontológico entre eles.

Esta autonomia do fenômeno frente à essência decorre do fato de que o desenvolvimento ontológico exhibe necessariamente desigualdades. Ele se consubstancia enquanto um complexo processo de particularização dos traços essenciais e de generalização em essências dos eventos singulares. Já vimos como a essência, segundo Lukács, apenas pode alcançar sua plena explicitação enquanto tal tendo por mediação as cadeias fenomênicas, por isso não nos voltaremos a esse aspecto. O que agora é decisivo salientar é que, para nosso autor, essa relativa autonomia dos fenômenos frente às suas determinações essenciais «existe apenas no quadro com a interação com a essência, como campo de manobra bastante vasto, rico de níveis e de facetas, mas todavia apenas como campo de

autodesenvolvimento no interior de uma relação na qual a essência tem o papel de momento predominante.»(vol II, pg. 375)

Nesta exata medida, a essência é concebida por Lukács, como a «duração na mudança» (vol II, pg. 373), como «continuidade tendencial última»(vol II, pg. 375). Ao se referir à essência da individualidade, utiliza a expressão «a substância que se conserva na continuidade do processo»(vol II, pg. 412).

IV

A essência e o fenômeno, na acepção lukácsiana, possuem o mesmo estatuto ontológico, são igualmente necessários e, ainda que haja uma tendência à generalidade na essência e à particularidade no fenômeno, generalidade e particularidade são dimensões presentes nas duas esferas. A distinção entre as determinações fenomênicas e as essenciais é dada pela peculiar relação de cada uma delas com a totalidade do processo em questão. Por ser um processo, este exhibe um inequívoco caráter de unitariedade última, fundado pela suas determinações essenciais. Contudo, exatamente por ser um processo, é composto por distintos momentos que se sucedem no tempo; e a particularização dos momentos, tornando-os singularidades que jamais se repetirão na história, é dada pelas determinações fenomênicas. Nesta interação, as mediações que promovem esta particularização consubstanciam a esfera fenomênica; e estas mediações, por sua vez, são atualização das potencialidades inscritas no campo de possibilidades que consubstancia a essência. Nesta exata medida e sentido, na determinação reflexiva que articula essência e fenômeno, cabe à primeira o momento predominante.

Esta concepção ontológica mais geral, ao ser transposta para a especificidade de ser do mundo dos homens, permite a Lukács desenvolver a crítica radical não apenas dos traços de fatalismo e conformismo que permeiam, para sermos breves, o senso comum hoje dominante, mas também desdobrar a crítica não menos radical das elaborações teóricas que visam justificar o mundo sob a regência do capital, a partir de uma pretensa a-historicidade da essência humana. À afirmação por essas teorizações da impossibilidade de uma sociabilidade emancipada por ser ela incompatível com o individualismo e o particularismo inerentes à essência humana, Lukács contrapõe a tese da historicidade da essência -- ou seja, que a essencialidade humana é construto humano e que, por isso, pode

ser alterada pela praxis humano-social. Para nosso autor, esse individualismo e mesquinhez são característicos da essência do homem burguês -- e não passaria de uma forma historicamente determinada da relação dos indivíduos com o gênero humano. Sendo essência do homem burguês, apenas ideologicamente poderia ser convertida em essência burguesa do homem. Não há, portanto, qualquer impedimento essencial à revolução -- esta continua como uma possibilidade aberta e indispensável para a superação das misérias da vida alienada pelo capitalismo.

A historicidade da essência, na *démarche* lukácsiana, jamais foi uma temática meramente acadêmico-teórica; ela exhibe uma faceta prática inequívoca ao intervir na defesa da possibilidade ontológica da superação revolucionária da ordem burguesa. E isto claramente contrapõe nosso autor a parcela ponderável da produção teórica dos nossos dias, constituindo subsídio dos mais ricos para a crítica às tendências hoje dominantes.

Contudo, a defesa da possibilidade ontológica mais geral da emancipação humana não resolve inteiramente a questão. Nem Lukács assim o pretendia, nem o pretendemos nós neste artigo. Há que se explorar as mediações ontológicas que articulam os diferentes complexos do ser social -- por exemplo, individualidade, totalidade social, as esferas da política, da economia, do direito, da sexualidade, da ideologia, etc., etc. -- de tal modo a desvelar como se articula, concretamente, a essência em um movimento absolutamente histórico de constituição daquilo que Lukács denominou generalidade humana, ou seja, de um gênero humano (e das individualidades dele partícipe) capaz, *mutatis mutantis*, de desdobrar consciências cada vez mais desenvolvidas de suas determinações essenciais; para sermos breves, capazes de um para-si cada vez mais desenvolvido. O estudo destas mediações Lukács levou a efeito tanto na sua *Ontologia* quanto nos *Prolegômenos*, e ainda que problemas possam ser apontados aqui e ali, suas contribuições nesta área são as mais originais e melhor acabadas que o marxismo, após Marx, foi capaz de realizar.

Há que se reconhecer, ainda, que a determinação das mediações ontológicas que consubstanciam, nos mais diferentes momentos da reprodução social, a radical historicidade do mundo dos homens, ainda que componha demonstração inequívoca da possibilidade da emancipação humana, está longe de explicitar as mediações políticas indispensáveis à objetivação desta superação. A investigação ontológica por sua própria natureza não pode ser, para sermos breves, o «programa

da revolução». Mas, sem ela, não apenas os revolucionários estão em desvantagem no confronto de idéias, como ainda qualquer plataforma política carece da consciência para-si indispensável à efetivação das potencialidades revolucionárias inscritas no sociabilidade dos nossos dias. Nisto reside, a nosso ver, a importância de Lukács para o debate contemporâneo.